

HISTÓRIA E MEMÓRIA: quadro antigo do cemitério ecumênico São Francisco de Paula¹

HISTORY AND MEMORY: old frame of São Francisco de Paula ecumenical cemetery

HISTORIA Y MEMORIA: viejo marco del cementerio ecuménico San Francisco de Paula

CARLA RODRIGUES GASTAUD

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Professora da Universidade Federal de Pelotas

Pelotas/RS/Brasil

ergastaud@gmail.com

BRUNA FRIO COSTA

Mestre em Memória Social e Patrimônio Cultural.

Professora da Universidade Federal de Pelotas.

Pelotas/RS/Brasil

bruna.frio@gmail.com

Resumo: O objetivo principal deste trabalho é discutir a relação entre história e memória, tendo como pano de fundo a relação de Ricardo Rojas, ex-morador e ex-coveiro, com o Quadro Antigo do Cemitério Ecumênico São Francisco de Paula, na cidade de Pelotas (RS). Portelli afirma que, ao pesquisarmos um lugar, pesquisamos também sobre os que o criaram e que ali se formaram e sobre as circunstâncias particulares desse lugar e dessas pessoas. Assim, ao pesquisarmos o Quadro Antigo do Cemitério, pesquisamos também o senhor Ricardo e sua família, que viveram e trabalharam no local, entre 1914 e 2009. A história oral é uma metodologia que busca, através de suas fontes, um caminho para a produção de versões e interpretações sobre a história, em suas múltiplas dimensões. Afinal, segundo Alberti, a história oral permite, ao pesquisador, recuperar aquilo que não foi encontrado em documentos de outra natureza. No caso do Quadro Antigo do Cemitério, os registros encontrados são ínfimos, existem apenas documentos administrativos da mantenedora, o que torna ainda mais importantes os relatos do senhor Ricardo.

Palavras-chave: Quadro Antigo. Memória. História.

Abstract: The main objective of this paper is to discuss the relationship between history and memory, with the backdrop of the relationship of Ricardo Rojas, former resident and caretaker/gravedigger with the Old Frame of the São Francisco de Paula Ecumenical Cemetery in the city of Pelotas (RS). Portelli states that when we research a place, we also research about who created it and who was formed in there and the specific circumstances surrounding this place and these people. Thus, when we research the Old Frame of the Cemetery we also researched Mr. Ricardo and his family, who lived and worked in there between 1914 and 2009. Oral history is a methodology that seeks, through its sources, a path to produce versions and interpretations of history in its plural dimensions. After all, according to Alberti, oral history allows the researcher to recover what was not found in other types of documents. The Old Frame records founded are poor, there are only administrative documents of the directors, which makes the Mr. Ricardo's reports even more important.

Keywords: Old Frame. Memory. History.

¹ Artigo submetido à avaliação em fevereiro de 2015 e aprovado para publicação em junho de 2015.

Resumen: El objetivo principal de este trabajo es discutir la relación entre historia y memoria, con el telón de fondo de la relación de Ricardo Rojas, ex residente y ex sepulturero, con el Viejo Marco del Ecuménico Cementerio San Francisco de Paula en la ciudad de Pelotas (RS). Según Portelli, cuando se investiga un lugar también se investiga sobre sus creadores y formadores y las circunstancias particulares de este lugar y sus poblaciones. Así, investigando el Cuadro Antiguo del Cementerio, se investigó también el Sr. Ricardo y su familia, que vivieron y trabajaron allí entre 1914 y 2009. La historia oral es una metodología que busca, a través de sus fuentes, un camino a las versiones de producción y las interpretaciones de la historia en sus múltiples dimensiones. Después de todo, según Alberti, la historia oral permite a los investigadores recuperar lo que no es encontrado en otros tipos de documentos. En el caso del Viejo Marco, los registros son vistos como insignificantes, se encuentran solamente documentos administrativos del patrocinador, lo que hace aun los relatos de Ricardo más importantes.

Palabras clave: Viejo marco. Memoria. Historia.

Introdução

Segundo Merlo², “O que move uma pessoa recordar determinados fatos do passado são as preocupações com o presente: ausência ou presença de algo ou alguém; sentimentos submersos que podem vir à tona no ato de lembrar ou provocar o esquecimento”.

Em 02 de novembro de 2005, a capa do jornal local Diário Popular estampava a manchete “A aristocracia sob guarda no Fragata”, onde o senhor Ricardo Rojas, zelador do Quadro Antigo³ do Cemitério Ecumênico São Francisco de Paula, alertava para a delicada situação em que, já naquela época, o local se encontrava. Como um lugar tão belo e com tal importância para a cidade de Pelotas poderia estar tão abandonado e esquecido? O que aconteceria se, por ventura, o único conhecedor da parte antiga – o senhor Ricardo – viesse a falecer? Todas as informações morreriam junto com ele?

“O apelo que nossa sociedade faz de preservação de sua memória é, em última instância, a necessidade de reconstituição de si mesma, encarada como algo formado no passado para o presente”⁴, pois as memórias são importantes registros vividos que partem das lembranças e eternizam lugares, como referências e cenários, para uma constante visita ao passado, trazendo em si, os mais diversos sentimentos documentados e aflorados em narrativas, sonhos e percepções.

As diferentes memórias estão presentes no tecido urbano, transformando espaços em lugares únicos e com forte apelo afetivo para quem neles vive ou para quem os visita.

² MERLO, Márcia. As vozes do Bonete, uma face de Ilhabela. In: DIEGUES, Antônio Carlos S.(Org). **Ilhas e Sociedades Insulares**. São Paulo: NUPAUB-USP, 1997.

³ A parte de um todo, que tem quatro lados. Modo como é denominado o local a que se refere este artigo

⁴ ARÉVALO, Maria Conceição da Massena. Lugares de memória ou a prática de preservar o invisível através do concreto. **Revista História Hoje**, Fortaleza, v. 3, n. 7, 2005.

Lugares que não apenas têm memória, mas que para grupos significativos da sociedade transformam-se em verdadeiros lugares de memória⁵.

De acordo com Nora⁶ lugares de memória são:

Lugares, com efeito, nos três sentidos da palavra, material, simbólico, funcional [...]. Mesmo um lugar de aparência puramente material, como um depósito de arquivos, só é lugar de memória se sua imaginação o investe de uma aura simbólica. São lugares que estendem uma história regada de cumplicidade, significações, afetividade, pertencimento, ou simplesmente de alma.

O interesse pelas particularidades do local surgiu a partir desta data (02/11/2005) e, inicialmente, conduziu a realização de um levantamento histórico: como e onde os mortos eram enterrados, a criação dos cemitérios e mais especificamente a história do Quadro Antigo do Cemitério Ecumênico São Francisco de Paula. Um livro comemorativo do sesquicentenário da Santa Casa de Misericórdia (mantenedora do Quadro Antigo) serviu como principal referência bibliográfica e uma entrevista com o coveiro do local respondeu a maior parte das indagações⁷.

Porém, após aquela entrevista, bastante específica, entendeu-se que o senhor Ricardo Rojas era alguém com uma história relevante para se contar. Primeiro, por estar exercendo a função de coveiro, no local, há mais de cinquenta anos. Segundo, por ter, durante grande parte de sua vida, morado dentro do cemitério. Terceiro, por ser o “guardião” de um livro, elaborado por seu irmão, Rui Rojas, escrito a mão, onde estão inventariados todos os túmulo do Quadro Antigo, com caracterização e localização exata e também o último representante de três gerações da mesma família de “coveiros”⁸. Diante de todas essas informações, ficou claro que o trabalho, naquele lugar, estava apenas começando e que, ao pesquisar o Quadro Antigo do Cemitério, pesquisa-se também o senhor Ricardo e sua família, que viveram e trabalharam no local entre 1914 e 2009.

Portanto, discutir a relação entre história, memória e história oral, tendo como pano de fundo, a relação de Ricardo Rojas, ex-morador e ex-coveiro, com o Quadro Antigo do Cemitério Ecumênico São Francisco de Paula, apresenta-se como objetivo principal deste

⁵ GASTAL, Susana. Lugar de memória: por uma nova aproximação teórica ao patrimônio local. In: GASTAL, S. (Org). **Turismo investigação e crítica**. São Paulo: Contexto, 2002.

⁶ NORA, Pierre. Entre a memória e a história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo: 1993.

⁷ Constituinte, em 2009, o trabalho de conclusão do curso de Bacharelado em Turismo da Universidade Federal de Pelotas de Bruna Rajão Frio “História e Memória do Quadro Antigo do Cemitério Ecumênico São Francisco de Paula”.

⁸ De acordo com Ricardo Rojas, a denominação correta é “coveiro”, porém, a mantenedora do Quadro Antigo, Santa Casa de Misericórdia, assinou sua carteira de trabalho (também a de seu pai e do seu irmão) como “capataz”.

artigo, pois, “ao pesquisarmos um lugar, pesquisamos também sobre os que o criaram e que ali se formaram e sobre as circunstâncias particulares desse lugar e dessas pessoas”⁹.

Um pouco sobre a história dos cemitérios

Até o século XVIII, não havia uma separação radical entre a vida e a morte. “Os mortos deveriam ficar perto dos vivos, mas em espaço sagrado”¹⁰. Por essa razão, iniciou-se o costume de sepultamento nas igrejas, que ocorreu devido à influência do iluminismo francês, juntamente com o avanço do individualismo, do pensamento racional e da secularização da vida cotidiana.

Difundiou-se, nesse período, a crença de que “o enterro nas igrejas, próximo dos túmulos dos santos e suas relíquias facilitava a passagem de um mundo extraterreno assegurando a salvação da alma”¹¹. Para a sociedade da época, a igreja era uma das portas de entrada do paraíso e “a proximidade física entre cadáver e imagens divinas, aqui embaixo, representava um modelo da contiguidade espiritual que se desejava obter lá em cima, entre a alma e as divindades”¹².

Todavia, o espaço sagrado dos santos não podia comportar todos os cadáveres. Portanto, enterravam-se nas igrejas os católicos considerados “melhores”, ou seja, os mais favorecidos financeiramente. O enterro fora da igreja era reservado aos católicos com menor poder aquisitivo, aos não católicos, protestantes, judeus, muçulmanos, escravos e condenados.

Mesmo com essa separação, criou-se um sério problema de falta de espaço – devido ao crescimento populacional e à transmissão de doenças, através dos miasmas, concentrados nas naves e criptas das igrejas. Surgiu, “em 1855, na Inglaterra, uma lei que regulamentava os sepultamentos e estes começaram a ser feitos fora do centro urbano, nos cemitérios”¹³.

Cemitério é o lugar onde são sepultados os cadáveres dos mortos. “A palavra cemitério vem do latim “coemeterium” que vem do grego “kimitírion”, a partir do verbo

⁹ PORTELLI, Alessandro. **República dos Sciuscià: a Roma do pós-guerra na memória dos meninos de Dom Bosco**. São Paulo: Editora Salesiana, 2004.

¹⁰ REIS, João José. **A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

¹¹ COE, Agostinho Júnior Holanda. A morte no século XIX e a transferência dos enterros das igrejas para os cemitérios em São Luís. **Revista Outros Tempos**, São Luís, v.4, n.4, 2007.

¹² REIS, João José. **A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

¹³ LUCAS, Agnaldo Leon. **Os cemitérios no bairro Fragata: uma relação entre o antigo e o contemporâneo**. 2006. 100 f. Monografia (Especialização em Patrimônio Cultural)- Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Rio Grande do Sul, 2006.

“kimaó”, que significa “pôr a jazer” ou “fazer deitar”¹⁴. Anteriormente, designava a parte exterior da igreja, isto é, um adro ou um “atrium”, que é a área da frente da igreja.

A mudança dos enterros afetou, principalmente, os povos de predominância católica e “a construção dos novos cemitérios não agradou boa parte da elite da época, pois a ideia de salvação estava intimamente ligada ao local de sepultamento”¹⁵.

Acreditava-se que “o campo santo ameaçava noções tradicionais de espaço sagrado e outros aspectos da mentalidade funerária predominante”¹⁶, afinal, “o local de sepultura era um aspecto importante, da identidade do morto”¹⁷.

Mesmo com essa resistência inicial, a lei foi cumprida e os cemitérios passaram a fazer parte de um processo ininterrupto de transformação social. Tais mudanças permitem-nos identificar, hoje em dia, nos cemitérios, toda uma representação simbólica do universo social daquela época, possibilitando diferentes análises dos fenômenos relacionados à dinâmica cultural. Afinal, já existia na elite o anseio de monumentalizar-se perante a comunidade. Desde o início, os cemitérios “adjacentes às igrejas foram mais um meio de hierarquização do que de salvação das almas. A sepultura ‘ad sanctos’ (interior da igreja) consolidou as diferenças sociais, tornando visível o tratamento dado aos mortos nobres e aos mortos menos favorecidos”¹⁸.

Bellomo¹⁹ destaca:

Os cemitérios reproduzem a geografia social das comunidades e definem as classes locais. Existe a área dos ricos, onde estão os grandes mausoléus; a área da classe média, em geral com catacumbas na parede, e a parte dos pobres e marginais. A morte igualitária só existe em discurso, pois, na realidade, a morte acentua as diferenças sociais. As sociedades projetam nos cemitérios seus valores, crenças, estruturas sócio-econômicas e ideologias. Deste modo, a análise permite conhecer múltiplos aspectos da comunidade, constituindo-se em grandes fontes para o conhecimento histórico.

A saída das igrejas, fez com que famílias tradicionais buscassem, na arte funerária, um meio de ostentar a imponência de seus nomes e valores sociais faustosos, na suntuosidade

¹⁴ BELLOMO, Harry Rodrigues. **Cemitérios do Rio Grande do Sul: arte, sociedade, ideologia**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

¹⁵ COE, Agostinho Júnior Holanda. A morte no século XIX e a transferência dos enterros das igrejas para os cemitérios em São Luís. **Revista Outros Tempos**, São Luís, v.4, n.4, 2007.

¹⁶ REIS, João José. **A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

¹⁷ *Ibid.*, p. 101.

¹⁸ PEREIRA, Elenice Pinto. **Arte Cemiterial: Sentimentos e Tipologias – Estudo na Cidade de Pelotas**. 2002. Monografia (Especialização em Patrimônio Cultural)- Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Rio Grande do Sul, 2002.

¹⁹ BELLOMO, Harry Rodrigues. **Cemitérios do Rio Grande do Sul: arte, sociedade, ideologia**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

de seus túmulos, destacando seus mortos: “era e sempre foi o desejo dos mais abastados, distinguir-se através de uma marca perene, de um objeto de consagração – o túmulo – pela atração de comparar-se aos grandes personagens da história”²⁰.

De acordo com Vaz²¹, “outra função que assumem os cemitérios é a da demarcação social. Os mais abastados recebiam sepultura nas igrejas ou edificavam mausoléus, como pequenas reproduções de igrejas nos cemitérios”. Tal situação já ocorria quando os enterros eram realizados nas igrejas “o que definia o mapa social do espaço funerário não era a igreja, mas o tipo de sepultura, se no adro ou no corpo do templo, perpétua ou comum, de irmandade ou não, perto ou longe dos altares, em carneiras ou no chão”²².

A consideração pelo morto levou as famílias da cidade a ornarem os seus túmulos, diferenciando-os, trazendo personalidade, valores e ideais aos jazigos, afinal, o morto é o benemérito, reconhecido pelos seus feitos, para que os vivos o reconheçam em morte tal como foi reconhecido em vida. Dessa forma, “o cemitério católico emerge dos descampados como um suntuoso jardim: o túmulo torna-se um artigo de arte, consagrando um estilo, uma época, uma sociedade e sua economia”²³.

As famílias, a partir da primeira metade do século XX, contratavam construtores e escultores de renome, para construírem e ornamentarem os túmulos de seus entes queridos. Tais monumentos ajudariam a perpetuar a memória do morto e da sociedade. O falecido deveria ter uma ‘morada’ digna de sua importância social e de sua família.

A partir de tal cultura, o cemitério tornou-se um local pleno de significações, que se inserem no campo dos dogmas, superstições, lendas e verdades. Apesar da aparência muitas vezes triste, os cemitérios podem guardar ricas surpresas para quem se dispõe a procurar.

Há algum tempo os cemitérios estão sendo vistos por outra perspectiva. Não são apenas o local onde os mortos são enterrados mas, também, fonte de pesquisa e possíveis roteiros histórico de visitação em regiões turísticas. Isto ocorre em razão de os cemitérios possuírem elementos que demonstram a história social e artística das regiões, através da estatuária, das obras arquitetônicas, dos epitáfios e dos símbolos, encontrados e analisados nos

²⁰ ABREU, Regina. Entre a nação e a alma: quando os mortos são comemorados. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 7, 205-230. 1994.

²¹ VAZ, Samuel Campos. **Imagens e representações da morte no cemitério da cidade de Goiás: semelhanças e diferenças**. Goiânia: Editora UFG, 2007.

²² REIS, João José. **A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

²³ CARVALHO, Isabel Cristina Moura. Biografia, Identidade e Narrativa: elementos para uma análise hermenêutica. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 9. n. 19, julho de 2003.

túmulos, valorizando e exaltando a preservação desses imensos patrimônios públicos, como confirma Pereira²⁴:

[...] muito do que possuímos como história nos foi contada pelos objetos relativos à morte. Se as catacumbas são consideradas a primeira arte cristã que conhecemos, e se o tesouro histórico, deixado pelos egípcios possui inestimável valor para a humanidade no ponto de vista social, artístico, econômico, histórico, os cemitérios da cidade possuem valor inquestionável já que são parte da narrativa da cultura local. Suas estátuas, túmulos e adornos constituem um acervo a ser preservado, pois dificilmente poderá ser recriado tal conjunto, resguardando a história local.

Os cemitérios podem nos dar valiosas informações; afinal, de acordo com Bellomo²⁵, são fonte histórica para a preservação da memória familiar e coletiva, fonte de estudo das crenças religiosas, forma de expressão do gosto artístico, forma de expressão da ideologia política, fonte para conhecer a formação étnica, fonte para estudo da genealogia, fonte reveladora da perspectiva de vida de uma sociedade.

Um passeio por esses locais vale por uma boa aula de história. Apesar de inusitadas, as visitas aos túmulos são uma forma interessante de volta ao passado. afinal, é possível perceber, desde o movimento artístico à religiosidade da época – e até mesmo as datas de nascimento e morte, das pessoas enterradas, causam curiosidade. Por essas razões, a preservação dos jazigos é fundamental, pois não há dúvida de que são um patrimônio. Há quem tenha interesse em saber, que importância tiveram as pessoas que estão enterradas lá, para o desenvolvimento da cidade e em que condições morreram; afinal, “os monumentos aos mortos, podem servir de base a uma lembrança de um período que a pessoa viveu por ela mesma, ou de um período vivido por tabela”²⁶.

O Quadro Antigo do Cemitério Ecumênico São Francisco de Paula

A área que corresponde ao Quadro Antigo (FIGURA 1) é onde o atual cemitério teve origem. Sua construção data da segunda metade do século XIX e deu-se em consequência da epidemia de cólera, que lotou o Cemitério do Passeio²⁷ (que não existe mais), além de

²⁴ PEREIRA, Elenice Pinto. Arte Cemeterial: Sentimentos e Tipologias – Estudo na Cidade de Pelotas. Pelotas. Monografia Especialização em Patrimônio Cultural. Universidade Federal de Pelotas, 2002.

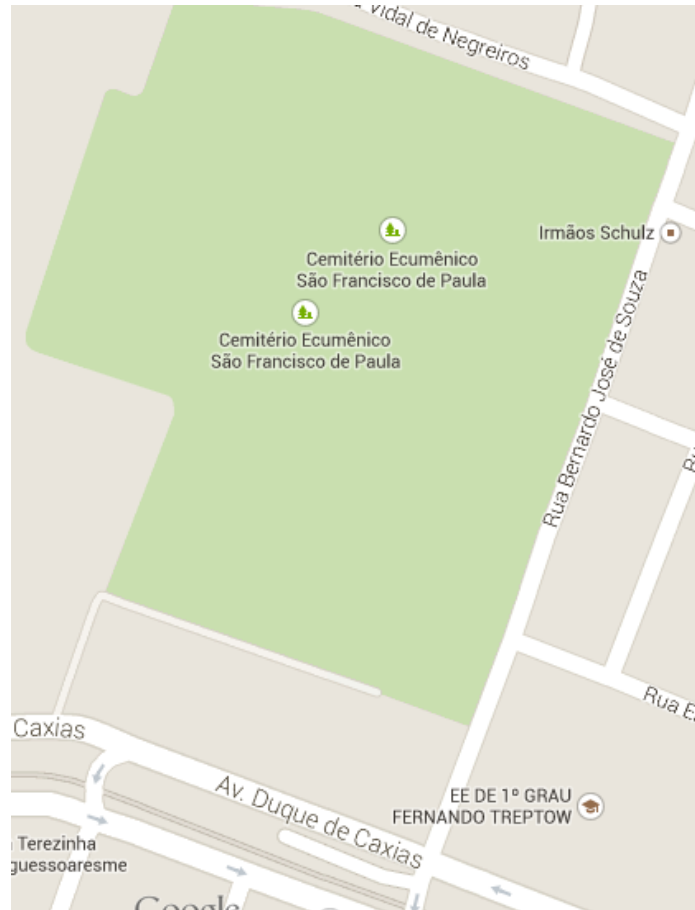
²⁵ BELLOMO, Harry Rodrigues. **Cemitérios do Rio Grande do Sul: arte, sociedade, ideologia**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

²⁶ ABREU, Regina. Entre a nação e a alma: quando os mortos são comemorados. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 7, 205-230. 1994.

²⁷ O Cemitério do Passeio tinha “frente a leste pela rua Andrade Neves, fundos a oeste até a rua General Osório, face ao sul pela Bento Gonçalves e para norte ao campo aberto que havia aí, onde faziam os sepultamentos. os cadáveres, depois da encomendação, eram da Matriz até ali, levados à mão” . MAGALHÃES, Mário Osório.

questões de higiene e planejamento urbano. É importante salientar que, também os corpos enterrados no Cemitério do Passeio, foram transladados para o novo Cemitério da cidade.

Figura 1 - Localização do Quadro Antigo no Cemitério Ecumênico São Francisco de Paula²⁸



Fonte: Google Maps²⁹

O Quadro Antigo é dividido em quatro faces igualmente cortadas por duas avenidas que se cruzam ao centro.

A primeira avenida encontra-se à frente do portão de entrada e segue em direção à Capela do Senhor do Bonfim; a segunda avenida segue em direção a um pequeno portão, do lado leste, que dá entrada lateral para uma parte mais nova do cemitério. Um número considerável de palmeiras (Fotografia 1) integra a paisagem.

Opulência e Cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890). Pelotas: Mundial, 1993.

²⁸ Grifo da autora naquela que seria a área correspondente ao Quadro Antigo

²⁹ Disponível em:< <http://migre.me/ppV34>>

Fotografia 1 – Quadro Antigo do Cemitério Ecumênico São Francisco de Paula

Fonte: Diogo Sallaberry, 2009

Os quatro quadrantes do Quadro Antigo possuem túmulos de diversos tipos, sendo os mais simples carneiras de chão e os mais elaborados capelas e mausoléus.

Melhor do que qualquer outro lugar, os cemitérios construídos na segunda metade do século XIX refletiram visões de mundo de diferentes grupos sociais, expressas por meio de modos socialmente apreendidos de viver que incluem comportamentos, ideias, crenças e valores³⁰.

As distintas datas de falecimento dos mortos, no local, permitem-nos perceber que o maior número de construções deu-se entre 1960 e 1980. Não há um padrão do tipo de túmulo, nem mesmo do material empregado para essas construções (Fotografia 2).

³⁰ MOTTA, Antonio. **Museu da Morte**: patrimônios familiares e coleções. Rio de Janeiro: Imo's, 2011.

Fotografia 2 – Quadro Antigo do Cemitério Ecumênico São Francisco de Paula

Fonte: Diogo Sallaberry, 2009

Pensando nisto, entendemos que “a versatilidade dos cemitérios como fontes de informações e a identidade cultural que preservam, convidam a pensar sobre seu valor patrimonial”³¹.

Caminhando pelo Quadro Antigo, deparamo-nos com estátuas, vasos, bustos, fotos, cruzes, santos. A imponência dos túmulos, assim como das construções, no centro da cidade (hoje tombado e considerado Patrimônio Cultural), faz-nos perceber que os cidadãos tinham ali, um novo espaço para construção de sua identidade.

Acreditamos que, toda vez que os recursos permitiram às famílias exaltar as características de seus entes, estas o fizeram. “Os autores de projetos de cemitério do século XIX desejavam que fossem ao mesmo tempo parques organizados para a visita familiar e museus de homens ilustres, como a Catedral de S. Paulo, em Londres”³².

Os cemitérios oitocentistas, com suas evidências alegóricas, de cenários operáticos e de convulsiva dramaticidade [...] esses lugares de enterramento desempenharam uma

³¹ LEITZKE, Luiza F. C. de. **Entre a lembrança e o esquecimento**: implicações do descaso patrimonial para arte funerária do Rio Grande do Sul. Bahia: Cachoeira, 2010.

³² ABREU, Regina. Entre a nação e a alma: quando os mortos são comemorados. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 7, 205-230. 1994.

espécie de eficácia simbólica da conservação e da memória, materializada na monumentalidade arquitetônica de seus túmulos individualizados³³.

Nas sepulturas, é possível observar, pelos adornos, que eram para o sepultamento das pessoas da burguesia, ou de irmandades, pois algumas lápides apresentam brasões (de Barões, Coronéis e suas famílias) ou elementos representativos das profissões (médicos, advogados, engenheiros, entre outros). Isto faz com que a área do Quadro Antigo represente o espaço mais importante do Cemitério e recupere grande parte da história de Pelotas. Afinal, em um passeio pelo Quadro Antigo, pode-se nos deparar com o túmulo de “ilustres moradores”, como o Barão de Arroio Grande, em uma parede; o Visconde da Graça, em jazigo; o Barão de Santa Tecla, em uma Capela; o Coronel Pedro Osório, em um mausoléu próximo à capela; o escultor Antonio Caringi, em um mausoléu com estátua de bronze, confeccionada pelo próprio, antes da morte; Salis Goulart, em uma carneira de chão; um busto, homenageando Frederico Bastos; Edmundo Berchon, em um mausoléu; Mozart Russomano, em um mausoléu, entre tantos outros. Tais túmulos costumam ser visitados pelas famílias e também por estudantes e curiosos, em busca de informações.

Ao caminhar entre os jazigos, perambula-se por um verdadeiro labirinto funerário. A ausência de uma distribuição de espaço dificulta o inventário, por exemplo, no momento de identificar a localização exata de um túmulo. Na lateral direita da Capela do Senhor do Bonfim, estão localizadas as sepulturas pertencentes às Irmandades: a de Nossa Senhora do Rosário (que após sua dissolução ficou para a Santa Casa) e a Irmandade de São Miguel e Almas. As demais extensões de catacumbas são particulares ou pertencentes à Santa Casa. A ornamentação das sepulturas e a existência de um terreno mais ao fundo, para o enterramento dos menos favorecidos, em sepulturas de chão, dá a perceber a carga elitista do local.

Sobre história oral e memória

Se existe um fenômeno que é sempre atual e vivido – seja física ou afetivamente – é o da memória. A rememoração auxilia a recomposição da relação entre passado e presente, além de ser considerada uma estratégia de sobrevivência emocional. Como afirma Bosi³⁴, “o

³³ MOTTA, Antonio. **Museu da Morte**: patrimônios familiares e coleções. Rio de Janeiro: Imo's, 2011.

³⁴ BOSI, Eclea. **Memória e Sociedade**: lembranças dos velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

passado conserva-se e, além de conservar-se, atua no presente”; afinal, segundo Bergson³⁵, é do presente que parte o chamado ao qual a lembrança responde.

A memória está vinculada à identidade do sujeito e à sensação de pertencimento do mesmo a determinado grupo social. Afinal, “sem memória o sujeito se esvazia, vive unicamente o momento presente, perde suas capacidades conceituais e cognitivas. Sua identidade desaparece”³⁶. Muito mais do que saber para onde vai, o sujeito é como o pássaro Goofus Bird³⁷: utiliza a memória para saber de onde vem.

Le Goff³⁸ salienta:

A memória é a quinta operação retórica: depois da inventio (encontrar o que dizer), a dispositio (colocar em ordem o que se encontrou), a elocutio (acrescentar o ornamento das palavras e das figuras), a actio (recitar o discurso como um ator, por gestos e pela dicção) e, enfim, a memoria (memoriae mandare, “recorrer à memória).

Na história oral, a “memória é vista como fato, como algo que pode incidir sobre a realidade e causar mudanças”³⁹. E essa é “a contribuição específica das fontes orais: sobretudo a história da memória, a história da imaginação, a história da subjetividade (tanto dos indivíduos quanto das instituições)”⁴⁰.

Ao encontro disso, Robert Frank (1992)⁴¹ acrescenta que o pesquisador deve objetivar ir além da simples história do acontecimento, interessando-se, também, pela história da memória desse acontecimento, até nossos dias. O uso da história oral, portanto, deve ser aplicado “onde os documentos convencionais não atuam, revelando segredos, detalhes, ângulos pouco ou nada prezados pelos documentos formalizados” (MEIHY, 2011, p. 197)⁴².

A história oral é utilizada para o estudo da história de memórias, isto é, de representações do passado e ao registrar a voz, registra “a vida e o pensamento de seres que já trabalharam por seus contemporâneos e por nós. Esse registro alcança uma memória pessoal que, como se busca mostrar, é também uma memória social, familiar e grupal”⁴³.

³⁵ BERGSON, Henri. **Matéria e memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. 2 ed. São Paulo : Martins Fontes, 1999.

³⁶ CANDAU, Joel. **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto, 2012.

³⁷ “Um pássaro que constrói seu ninho ao inverso e voa para trás, porque ele não se preocupa em saber onde vai, mas de onde vem” (BORGES & GUERRERO, 1965, p.89). BORGES, Jorge Luis & GUERRERO, Margarita. **Manuel de zoologie fantastique**. Paris: Christian Bourgois, 1965.

³⁸ LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Unicamp, 2003.

³⁹ ALBERTI, Verena. **Ouvir Contar**. 1a edição. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

⁴⁰ PORTELLI, Alessandro. **República dos Sciucià**: a Roma do pós-guerra na memória dos meninos de Dom Bosco. São Paulo: Editora Salesiana, 2004.

⁴¹ FRANK, Robert. *La mémoire et l'histoire*. In: VOLDMAN, Danièle (dir.). *La bouche de La vérité? La recherche historique et les sources orales*. Cahiers de l'IHTP. novembro de 1992, p.65-72

⁴² MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **História oral: como fazer, como pensar**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2010.

⁴³ BOSI, Eclea. **Memória e Sociedade**: lembranças dos velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

A Família Rojas e o Quadro Antigo

Acontecimentos pouco esclarecidos ou nunca evocados, experiências pessoais, impressões particulares, registros que não encontramos em documentos escritos são, segundo Alberti⁴⁴, passíveis de recuperação em uma entrevista de história oral, pois, ao narrar-se, “o sujeito desvela-se para si e revela-se”⁴⁵. para os outros

Entende-se, portanto, que a entrevista não é simplesmente um ato em que se extraem informações e sim “um espaço de narração”⁴⁶ e o “ouvir contar”⁴⁷ faz-se essencial.

Além disso, a metodologia de história oral permite o acesso a dados de difícil obtenção, por meio da observação direta, tais como sentimentos, pensamentos e intenções. Afinal, segundo Errante⁴⁸, há importância fundamental na porção ‘não falada’ das histórias orais – nos gestos e pausas – naquilo que o historiador e o narrador sabem que está sendo dito, embora não seja expresso verbalmente.

Nos trechos a seguir, apresentamos as falas do senhor Ricardo Rojas, ex-coveiro e ex-morador do Quadro Antigo, em entrevista feita sem estruturação prévia, para que a conversa seguisse livremente, em dez de junho de dois mil e treze.

Nascido em 1938, tem 76 anos. É o quinto filho – de dezoito – de Elias e Assunta Rojas. Desde o seu nascimento, até 1979, morou dentro do cemitério. Casado com Ieda Duval Rojas, desde 1958, é pai de quatro filhos: Paulo, Valéria, Rogério e Iarema. Funcionário da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas, trabalhou no Cemitério Ecumênico São Francisco de Paula, a partir de 1952. Exerceu a função de coveiro do Quadro Antigo, de 1977 até sua aposentadoria, em 2009, na sucessão de seu pai, Elias e de seu irmão mais velho, Rui, ambos falecidos.

O meu pai chegou no cemitério em 1914, ele foi dado a uma família em que o senhor era o capataz do cemitério. Ele já tinha 14 anos de idade e ficou ali com eles, trabalhando no cemitério. Então, quer dizer, aí o meu pai ficou até 1972, quando ele faleceu. Criou os filhos todos ali, eram 18 mas, faleceram 6, ficou só 12 e todos nós vivemos ali dentro do cemitério. As minhas irmãs lavavam túmulo para ajudar, e nós, os guris, trabalhávamos lá

⁴⁴ ALBERTI, Verena. **Ouvir Contar**. 1 ed.. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

⁴⁵ ABRAHÃO, Maria Helena M. B. **A aventura (auto)biográfica: teoria e empiria**. Porto Alegre EDIPUCRS, 2004.

⁴⁶ PORTELLI, Alessandro. História Oral e Poder. **Memosine**, Rio de Janeiro, v.6, n. 2, 2009.

⁴⁷ “Ouvir contar: apurar o ouvido e reconhecer esses fatos, que muitas vezes podem passar despercebidos”. ALBERTI, Verena. **Ouvir Contar**. 1a edição. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

⁴⁸ ERRANTE, Antoinette. Mas afinal, a memória é de quem? Histórias orais e modos de lembrar e contar. **História da Educação**. Asphe, n. 8, setembro de 2000.

também pois o pai ganhava pouco, 200 réis, 500 réis, aquilo ia ajudando na despesa. E ai, ali foi, e em 1972, o meu pai faleceu. Ai eu tinha o irmão mais velho, o Rui, que ficou de capataz, mas infelizmente ele teve muito pouco tempo, ele teve só dois anos, ai ele adoeceu e faleceu três anos depois em 77. E ai fiquei eu, tomando conta do cemitério. De 77, até eu me aposentar, no final de 2009 eu passei a ser o capataz do cemitério. Mas, ai foi, bem me criei ali dentro, eu fiz tudo que foi serviço: eu abri cova, eu fiz sepultamento, eu era pedreiro, eu era tudo, eu fazia sepultamento na parede, no chão. Eu comecei como funcionário da Santa Casa, de carteira assinada, em 12 de maio de 1952, aos 14 anos.

“O testemunho oral revela a interpretação das histórias coletivas e das histórias da vida individual, e pode nos ajudar a entender como motivos e mitos coletivos podem ser significativos”⁴⁹ E, como as formas das histórias de vida são tão importantes quanto os fatos que elas contêm.

Sabe como meu pai fez para eu e o meu irmão, o Roberto, perder o medo? Ele se “esquecia”, naquele tempo, aquilo tudo era fechado lá nos fundos, ele se esquecia por gosto da ferramenta lá atrás da Capela, ou dizia que tinha deixado as portas abertas... E quando era dez horas da noite ele fazia nós ir lá buscar. E nós meio queria “empacar”, mas não empacava. Porque naquele tempo, o que o pai dizia, se fazia.

“Histórias de vida são contribuições que os entrevistados dão quando fazem relatos detalhados e extensos sobre sua existência, reconstituindo acontecimentos que vivenciaram, passagens da vida de outrora, de sua juventude, da sua infância”⁵⁰. A infância de Ricardo Rojas pode ter sido vivida de forma ordinária, porém, o fato de morar no cemitério,ff apresenta determinadas curiosidades sobre os momentos de lazer com seu pai:

Sabe o que o meu pai fazia? O meu pai não saia de casa, então, ele jantava, e quando era sete horas, ele dizia: “Ricardo, vamos lá pra capela?” Ficava no fundo da capela, sentado... Aquilo era muito bonito lá dentro, muito bonito. Até os fundos era todo de madeira de lei, tinha uns armários... Então nós ficávamos sentados na porta de capela, nos fundo, até onze horas, meia noite. Eu ficava com ele, porque os outros meus irmãos não iam, não, eles não gostavam.

Portelli⁵¹ afirma que a busca por fontes orais dá-se,

porque na oralidade encontramos a forma de comunicar específica de todos que estão excluídos, marginalizados, na mídia e no discurso público. Buscamos fontes orais porque queremos que essas vozes – que, sim, existem, porém ninguém as escuta, ou poucos as escutam – tenham acesso à esfera pública, ao discurso público e o modifiquem radicalmente.

⁴⁹ THOMSON, Alistair. Histórias (co) movedoras: História Oral e estudos de migração. **Revista Brasileira De História**. São Paulo, v. 22, n. 44, 2002.

⁵⁰ QUEIROZ, Maria Isaura. Relatos orais do “dizível” ao “indizível”. In: SIMSON, Olga Von (org.) **Experimentos com histórias de vida (Itália-Brasil)**. São Paulo: Vértice: 1988.

⁵¹ PORTELLI, Alessandro. História Oral e Poder. **Memosine**, Rio de Janeiro, v.6, n. 2, 2009.

Os registros encontrados a respeito do Quadro Antigo do Cemitério são ínfimos. Existem apenas documentos administrativos da mantenedora, o que torna ainda mais importantes os relatos do senhor Ricardo.

[...] Então assim nós fomos levando a vida. A coisa pra mim foi muito fácil porque eu fui criado ali, eu sabia tudo, tudo, tudo, pessoas chegavam, vinham perguntar, pessoas de fora perguntando, lá naqueles fundos, e olha que naqueles fundos, aquilo é grande. E eu trazia aquilo na memória. Uma pessoa me dava a data do falecimento, eu ia na administração e eles me davam o número e o ano e eu ia direitinho no lugar onde é. Conhecia muito, muito. O meu pai me dizia “se tu não tá ajudando tanto a Santa Casa, tu tá ajudando as pessoas que precisam, que quem ia pra lá era pessoa que precisava, não é? Daquele lugar”. Então eu sempre, eu sempre, sempre me baseei muito pelo meu pai, pela vida do meu pai. O meu pai é um exemplo maravilhoso, maravilhoso, de tudo, não é? De tudo!

Afinal, a história oral permite “a descoberta de acontecimentos capazes de gerar mudanças, a descoberta daquilo que engendra novos sentidos (sempre referenciados à realidade), ao invés de repetirmos, tautologicamente, aquilo que já é sabido, sentidos que já foram dados”⁵². A “descoberta” do livro⁵³, quem o fez, o que o motivou, é um exemplo disso.

O Rui foi o que fez este livro, em 1975. Porque aquilo ali só quem sabia era o meu pai (que morreu em 1972). O meu pai tu chegava ali na frente e dizia “Seu Elias onde está o túmulo de fulano?” E ele dizia “Vamos lá, meu filho, vamos lá!” E te levava. E nossa, e a nossa cabeça ainda não era preparada, não é. Ai um dia eu dei falta do Rui e ele andava com um papel de folha de alçaço, aquela, grande assim. E eu digo “o que tu tá fazendo, Rui?” E ele disse “Eu tô fazendo um mapa aqui desses túmulos para nós”. E ele disse “Vou botar esse o quadro número 1, aquele da cigana o número 2, viu? O do Caringi número 3 e esse último aqui número 4”. Ai fez. Ai mas fez só os rascunhos, ai o coitado, adoeceu e não fez mais. Daí ele disse “Ricardo, eu vou comprar um livro e tu pede pro Luiz Carlos”, o apelido dele era Pipa, era um baixinho que trabalhava conosco. Ele é que fez, ele tinha uma letra muito bonita. Ele fez de imprensa. Ele é que passou tudo, tudo pra cá. E depois quando ele passou o Rui disse “Ricardo, agora tu confere” e estava tudo certinho. Um túmulo por um. E ele levou muito tempo, porque ele fazia nas horas vagas, não é? Se não tinha serviço ele fazia nas horas vagas.

Alberti⁵⁴ considera que, umas das vantagens da história oral, deriva do fascínio do vivido. Portanto, durante a entrevista, descobrir que, no cemitério, próximo aos túmulos havia plantação e animais, pode ser considerado, um tanto, diferente:

Então tem um pedaço do portão aquele, aquele lado ali que tu entra, a esquerda, até o canto onde entram os carros agora, aquilo tudo pertencia ao meu pai, nós é que cuidávamos. Meu pai plantava tudo Pra comer! Tinha uma horta. Tinha frutas, tinha pêssego, tinha laranja, bergamota, limão, ele tinha tudo ali. Criava porco. Tinha duas vacas. Tudo ali. Se comprava muito pouca coisa. No cemitério nós tínhamos tudo!

⁵² ALBERTI, Verena. **Ouvir Contar**. 1 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

⁵³ Um livro de atas, de capa dura, com cinquenta e três folhas onde estão inventariados, todos os túmulos pertencentes ao Quadro Antigo do Cemitério Ecumênico São Francisco de Paula, como sua caracterização e localização exata.

⁵⁴ Ibid., p. 22.

“Fazer história oral significa, portanto, produzir conhecimentos históricos, científicos, e não simplesmente fazer um relato ordenado da vida e da experiência dos ‘outros’”⁵⁵; afinal, segundo Delgado⁵⁶, a história oral registra, através de narrativas induzidas e estimuladas, testemunhos, versões e interpretações sobre a História, em suas múltiplas dimensões.

Saímos da casa do cemitério em 79 porque a Santa Casa vendeu o terreno pra Cortel, pra fazer aqueles jazigos novos (Ecumênico). Mas eles não podiam desmanchar aquela casa, porque aquela casa foi dada pros capataz do cemitério, segundo consta. Mas não tem documento, isso não tem, só no boca a boca. Diz que a senhora que mandou fazer a capela, fez aquela casa, doou aquela casa. É o que contavam... meu pai já recebeu isso de outros. Porque foi 1856 o cemitério, não é? E a capela foi feita em 1880. Talvez a casa fosse feita em 1880 também, que a casa as portas tudo, as janelas, os enfeites, tudo era de granito, o redor das portas, o redor das janelas era de granito. Eu mesmo tenho aqui no meu jardim, uma única recordação daquela casa. É um vaso de flores de mármore de Carrara. Minha mãe foi quem trouxe da nossa antiga casa para cá.

A história oral não se preocupa em dispor de “nenhum documento de confronto dos fatos relatados que pudesse servir de modelo, a partir do qual se analisassem distorções e lacunas”⁵⁷, como quando o senhor Ricardo fala sobre a intenção – de pessoas que ele chama “da cultura” – de restaurar o Quadro Antigo, fato nunca exposto pela mantenedora, a Santa Casa de Misericórdia:

Sim, o pessoal da cultura. Foram na... na Santa Casa. Ai o provedor, seu Lamas disse assim: “Vocês procurem o seu Ricardo! Que eu, que é a pessoa indicada para dizer o que tem que fazer dentro do cemitério. Nem um engenheiro eu vou mandar lá sem vocês falar com ele”. Ai veio duas senhoras, veio três senhores, de certa idade, como são aqueles pessoal da cultura. Ai eu mostrei a capela, eles disseram “o senhor acha que tem condições de tirar estes mármore do chão para aproveitar em jazigos”? “Tenho, isso tudo é de 3 cm, isso é mármore de carrara isso não quebra assim no mais”. “Então a nossa ideia é o seguinte: aproveitar esse piso todo da volta... restaurar os túmulos, com este mármore que é o mesmo e aqui nós colocaríamos um piso”. Eu digo “É uma boa ideia. Agora, só tem um problema... Vocês vão ter que saber da Santa Casa, a Santa Casa vai ter que botar um edital no jornal chamando essas famílias, porque isso daí são famílias importantíssimas da cidade de Pelotas”. “Não, nós sabemos”. E eu digo “Porque isso aqui não pode mexer. Isso aqui tudo foi comprado por eles. Ai a moça disse “Ué, mas o senhor é esperto”! E eu disse “Eu não sou esperto, eu tenho é vivência”! Eu sei, eu conheço essa gente. Eu, quando a pessoa entrava lá no, lá no portão eu já sabia quem era. E ai, ele disse “Olha, nós arrumamos um milhão de reais pra Santa Casa começar a obra”. Eles iam, eles iam fazer no alpendre, fazer escritórios, com portas automáticas, com alarme com tudo. Eles iam arrumar aquela volta

⁵⁵ LOZANO, Jorge Eduardo Aceves. Práctica y estilos de investigación en La historia oral contemporánea. In: FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína (Org.). **Usos e abusos da História Oral**. 8º ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

⁵⁶ DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História Oral – Memória, Tempo, Identidades**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

⁵⁷ BOSI, Eclea. **Memória e Sociedade: Lembranças dos velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

toda, aqueles jazigos para botar uma cerca elétrica de acordo. Eles iam restaurar a capela toda por dentro. Aquilo era muito lindo, não é? Pela frente a pessoa já tem uma ideia.

Ao analisarmos os trechos da entrevista do senhor Ricardo, podemos perceber que a sua história e a do Quadro Antigo se misturam. Sua vida não pode ser contada sem aquele cenário. E a história daquele lugar não deveria ser contada sem a Família Rojas. Isso leva a acreditar, ainda mais, na importância da história oral. Devemos dar voz (e ouvidos) àqueles que não estão nos livros, mas, que, como no pensamento de Rezende⁵⁸, estão entrelaçados com o lugar, pois o espaço, como lugar de coisa, torna-se um sistema coletivo de imagens onde, cada lugar, possui uma história a ser contada.

Considerações Finais

A história oral é uma metodologia que busca, através de suas fontes, um caminho para a produção de versões e interpretações sobre a história em suas múltiplas dimensões. Afinal, segundo Alberti⁵⁹ a história oral permite ao pesquisador recuperar aquilo que não foi encontrado em documentos de outra natureza: acontecimentos pouco esclarecidos ou nunca evocados, experiências pessoais, impressões particulares.

No caso do Quadro Antigo do Cemitério, os registros encontrados são ínfimos. Existem apenas documentos administrativos da mantenedora, o que torna ainda mais importantes os relatos do senhor Ricardo.

Concluimos, com este trabalho, que as narrativas são traduções dos registros das experiências retidas, que contêm a força da tradição e que, muitas vezes, relatam o poder das transformações. Sempre levando em consideração a ideia de Amado (1995), de que toda a narrativa articula elementos, a saber: quem narra, o quê narra, por que narra, como narra, para quem narra, quando narra.

Ricardo Rojas pode ser considerado, então, um guardião da memória – aquele que tem como função ser um “narrador privilegiado” da história do grupo ao qual pertence e sobre o qual está autorizado a falar. Ele guarda as marcas do passado ao qual se remete.

Se, para muitos, cemitério é sinônimo de tristeza, dor e experiências, por vezes traumáticas, para o senhor Ricardo é sinônimo de vida, família, trabalho. Mesmo que o vivido

⁵⁸ REZENDE, M. G. **Silêncio e esquecimento**: Henrique Carlos de Moraes e a construção de um agente de preservação do patrimônio em Pelotas (1993 – 1986). 2010. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural I)- Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Rio de Grande do Sul, 2010.

não tenha sido fácil, ele recorda, sempre, de maneira tranquila e com boas histórias, os anos em que sua família viveu ali. Abrir covas, fazer sepultamentos de adultos e de crianças, no chão ou na parede, ser pedreiro, lavar túmulos, faz parte de sua identidade.

Pretendeu-se, então, através deste trabalho, utilizar o indivíduo, em benefício do coletivo. E, a partir de suas experiências, vivências e realizações, descobrir um pouco mais sobre a história do local pesquisado.

⁵⁹ ALBERTI, Verena. **Ouvir Contar**. 1 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.